

O desânimo chega a Brasília. E começa a tomar conta da equipe econômica.

O ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, desmentiu ontem que esteja demissionário. Rumores sobre a demissão do ministro foram intensos durante todo o dia nos meios empresariais de São Paulo, e Maílson atribuiu os boatos a "certos grupos de especuladores que desejam obter lucros extraordinários". O ministro não quis citar quem são os especuladores, mas já é visível que o estado de ânimo da equipe econômica do governo não é o mesmo de dois ou três meses atrás.

Maílson admitiu que a economia brasileira vive algumas incertezas que colaboram para o surgimento de boatos. Ele citou a falta de política salarial e de regras de correção cambial como exemplo, e acrescentou que "algumas notícias incorretas" também contribuem para circular esses rumores. Segundo o ministro, seriam "incorrectas" as notícias publicadas ontem nos jornais **O Estado de S. Paulo** e **Journal do Brasil**, referindo-se, respectivamente, à falta de controle da economia e a previsões de que a inflação de junho deve chegar a 20%.

Sobre a matéria da inflação, Maílson comentou que a informação deve ter sido transmitida por algum técnico do Ministério da Fazenda interessado "em se mostrar para o repórter". No caso da notícia publicada por **O Estado**, o ministro disse que recebeu ontem dois telefonemas do presidente da Fiesp, Mário Amato, negando as declarações divulgadas pelo jornal. Mário Amato dissera a **O Estado** que Maílson, durante uma reunião com empresários, declarou ter perdido o controle sobre 92% do déficit público.

O ministro não quis comentar detalhes sobre a nova política salarial, e disse apenas que técnicos do governo estão acompanhando de perto as discussões no Congresso e que "precisamos de uma definição sobre a política salarial o mais rápido possível".

Desânimo

O desânimo com o Plano Verão já é visível entre os membros da equipe econômica do governo. As preocupações se alimentam de indicadores econômicos e reforçam-se em dados políticos. Men-

ciona-se, principalmente, a falta de credibilidade do governo, a propagação de greves e a total desarticulação entre os poderes. E esse desânimo, é evidente, também atinge o ministro Maílson da Nóbrega.

"Eu diria que a esperança de-
le está cada vez mais tênue", disse
uma fonte do governo que conver-
sou longamente com o ministro da
Fazenda nos últimos dias. O desânimo
é tal que "hiperinflação" já
não é mais uma palavra proibida
nas fechadíssimas reuniões da
equipe econômica. Ela ainda causa
desconforto mas alguns membros
dessa equipe admitem, em conver-
sas reservadas, que o risco de os 82
milhões de eleitores escolherem o
próximo presidente numa situação
de descontrole inflacionário não
deve ser desprezado.

Na visão dos economistas do
governo, o Plano Verão teve o mé-
rito de afastar a ameaça hiperinfla-
cionária. Havia a esperança de
manter-se a economia sob contro-
le, com uma inflação de um dígi-
to até as eleições. Mas em março, se-
gundo mês do plano, ficou claro
que isso seria impossível.

Os ministros Maílson da Nóbrega e João Batista de Abreu esperavam que com a segunda fase do plano, corrigindo o câmbio e algu-
mas distorções de preços, o nível
de incertezas e as especulações na
economia diminuiriam. Verifi-
cou-se o contrário. As medidas aca-
baram produzindo aumento do
dólar, ouro e outros ativos, num
claro indício de insegurança dos
agentes econômicos.

Alguns economistas do go-
verno observam que no contexto
atual o risco de que a inflação suba
aos altos é muito maior do que no
período anterior ao Plano Verão.
Numa recente reunião no Ministério
da Fazenda, chegou-se a exami-
nar a sugestão de um economista
fora do governo: soltar os preços. A
tese era a de que a inflação subiria
para cair em seguida e manter-se
estável.

A conclusão da equipe eco-
nômica foi de que, se isso fosse fei-
to, o índice pularia rapidamente pa-
ra 50% ao mês.